

POR JOANA NIN

# CURTAS

DOSSIÊ  
GUSTAVO  
DAHL

## A ARTE É LONGA, A VIDA É BREVE

provérbio latino citado nos créditos de *O tempo e a forma*,

GUSTAVO DAHL, 1967

Nos últimos anos de vida Gustavo Dahl andou muito preocupado em deixar registrada sua biofilmografia para a posteridade. Entre os projetos que listou e não teve tempo de realizar esteve uma coleção de DVDs – que possivelmente ainda venha a existir – contendo seus três longas-metragens e quatro curtas. A coluna dedica-se então a estes últimos, filmes de épocas e estilos bastante distintos, mas que por alguma razão mereceram destaque na seleta lista definida por ele meses antes de morrer.

Na ordem, a lista dos curtas que Gustavo gostaria de ver relançados – organizada enquanto fechava o número 52 da Filme Cultura – era: *Em busca do ouro*; *Museu Nacional de Belas Artes*; *O tempo e a forma*; *O cinema brasileiro: eu e ele*. Os filmes são hoje de difícil acesso, salvo para pesquisadores embrenhados em acervos cinematográficos. Mas há cópias de todos eles, felizmente. A preservação era a primeira preocupação do cineasta, sintonizada com seus últimos movimentos em defesa do cinema nacional.

No ano em que nasci, 1973, Gustavo fez *Museu Nacional de Belas Artes*, uma produção do Departamento de Filme Educativo do Instituto Nacional de Cinema – INC. O filme interpreta quadro a quadro a história do Brasil, utilizando o acervo do Museu. Na verdade, Gustavo utiliza esculturas, pinturas e peças decorativas expostas para descrever como se desenrolaram os fatos históricos envolvendo a colonização brasileira, com lentas panorâmicas e música barroca de fundo. Gustavo gostava de falar deste filme, por duas ou três vezes se lembrou dele quando defendia projetos de curtas sobre arte nas seleções para finalização de som no Centro Técnico Audiovisual (CTAv).

Com texto imponente e rebuscado, *Em busca do ouro*, 16mm, 1964, conta a história do apogeu e derrocada do garimpo no Brasil. Ao levar-nos do esplendor das igrejas ao soturno das minas de escravos, o curta esmera-se em planos cuidadosamente estudados, sempre sob tempo nublado. Uma gamela sobre o chão cravado de pedras de rio; um canhão abandonado no meio do mato sob diversos ângulos, para

Em busca do ouro



citar alguns. Gustavo assina roteiro e direção, mas no subtexto está também sua verve de montador.

*O tempo ea forma*, 1967, volta-separa o laboratório derestauração do Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional – Iphan. O filme abrange desde a narração do Genesis, a criação do mundo, às técnicas de restauro da memória. Em meio a catástrofes, furacões e demonstrações da indiferença da natureza com relação à existência do homem surge um plano terno e pessoal, a ex-mulher de Gustavo, Ana Maria Magalhães, com um bebê no colo, um dos filhos do casal. Aliás, Ana assina a montagem deste curta, que tem narração de Hugo Carvana. O filme concentra-se no empenho do homem em busca das formas, e discorre sobre a necessidade de preservar as criações humanas e os esforços empreendidos nesse sentido. Uma antecipação, como se vê, de suas preocupações mais recentes com a preservação de filmes.

A maior surpresa fica por conta de *O cinema brasileiro: eu e ele*. Experimento cinematográfico realizado na Itália e lançado em 1970, em nada se parece com os curtas anteriores, e nem com nenhuma outra obra de Gustavo Dahl. Um filme político com Ana Maria Magalhães e Leila Diniz, Ruy Guerra, Glauber e Saraceni, traz ainda imagens raras do cineasta em ação na moviola. A função de montador trouxe a ele algumas das maiores alegrias da vida. No curta, Gustavo aparece participando da aventura Difilm, experiência de distribuição de cinema brasileiro compartilhada com amigos, pouco mais de uma dezena de cineastas preocupados em ocupar o mercado com suas produções em pleno florescer do Cinema Novo. Na parede, lê-se: “Se é Difilm, é o melhor programa da cidade.”

*Il cinema brasiliano: io e lui*, título original, poderia ser lido como “Gustavo Dahl e o cinema: discutindo a relação”. Na época, dos longas, Gustavo só tinha *O bravo guerreiro*. Em tom livre e relaxado, o cineasta conversa com a câmera sobre o que pensa do fazer cinematográfico. Como sempre um grande frasista, diz, entre outras coisas: “o masoquismo é uma das chaves da cultura brasileira”, “filme político

tem que ser de ação, não de palavras” ou “entre a cultura culta e a cultura de massa, o cinema é a arte do futuro”. Segue-se uma série de imagens de conexão rarefeita, envolvendo africanos, Antônio Pitanga sendo entrevistado por Gustavo sobre como é ser negro hoje com relação ao tempo dos escravos e uma dança sedutora de Leila e Ana Maria na sala da casa onde foi realizada a filmagem.

Os quatro curtas não compõem um conjunto em si, não trazem unidade, mas sim refletem a diversidade de pensamentos e linguagens presentes na obra deixada por Gustavo Dahl. Realizados entre 1964 e 1970, os filmes percorrem caminhos distintos, porém trazem alguns fortes sentimentos presentes na pessoa do realizador. O amor pela pintura e o gosto musical – essencialmente europeu; a preocupação com a preservação do patrimônio artístico realizado pelo homem nos diferentes momentos da História; uma certa filosofia do cinema sem dispensar a importância do trabalho braçal, a exemplo da montagem; e as referências históricas do Brasil, as relações viscerais do país com suas origens, colonizadores e forte interferência africana. Os filmes estão entre 38 e 48 anos distantes dos tempos de hoje, ou seja, mais do que na hora de serem revisitados.

*Museu Nacional de Belas Artes*

